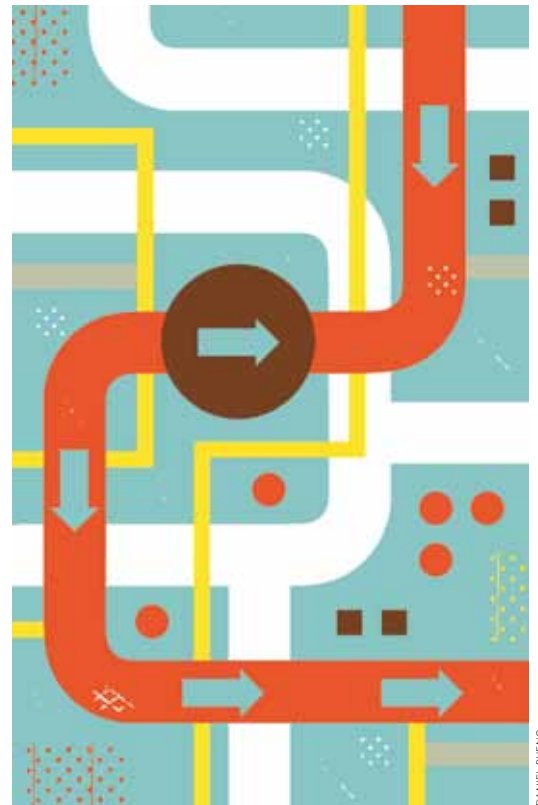


Boas práticas

Revistas com impacto maior têm mais retratações

Para entender o alcance das más condutas científicas, Ferric Fang, o editor-chefe da revista *Infection and Immunity*, e Arturo Casadevall, da Escola de Medicina Albert Einstein, de Nova York, examinaram a taxa de retratação em 17 revistas científicas de 2001 a 2010 e a compararam com o fator de impacto, que mede o alcance da publicação. Quanto maior o fator de impacto, eles concluíram, maior é a taxa de retratação. A publicação com o maior índice de retratação foi o *New England Journal of Medicine*, uma das revistas médicas mais importantes do mundo, que questionou a metodologia adotada nesse estudo. Recentemente, a própria *Infection and Immunity* teve de publicar várias retratações para os trabalhos de uma única pesquisadora da área de câncer, Naoki Mori. Ela assinou 30 artigos que receberam retratações, mas negou ter feito qualquer coisa errada e argumentou que os colegas é que foram descuidados na preparação dos textos (*New York Times*, 16 de abril). Seus artigos tiveram de ser retificados porque usaram imagens de trabalhos antigos em vez de apresentarem as dos estudos que estavam sendo descritos. Mori disse acreditar que essa reutilização não é má conduta científica. Fang, da *Infection and Immunity*, discordou e lamentou que ela continuasse a alegar inocência. “Infelizmente, as pessoas consideradas culpadas de conduta científica fraudulenta ou negligente parecem cair em padrões típicos de comportamento”, ele comentou

em uma entrevista ao *New York Times*. Segundo o jornal, Eric Poehlman, pesquisador da Universidade de Vermont, foi uma exceção. Em 2006, condenado a um ano de prisão por mentir em uma solicitação de financiamento ao governo e ter inventado dados em artigos sobre obesidade, menopausa e envelhecimento, ele se desculpou publicamente e ofereceu uma explicação: “Eu tinha me colocado em uma posição acadêmica em que, com toda honestidade, a quantidade de dinheiro que você conseguia é que determinava seu valor pessoal”. Poehlman argumentou que teria de reduzir sua equipe e deixar de pagar suas contas se não conseguisse os recursos – e então começou a fabricar os dados para seus artigos. “Eu estava em um redemoinho e não conseguia sair.” Carl Zimmer, o autor da



reportagem publicada no *New York Times*, lembrou que os cientistas, para sobreviver, precisavam publicar o maior número possível de *papers*, de preferência em revistas com o maior número possível de leitores, e às vezes encurtam o caminho, simplificam procedimentos ou abdicam da ética para conseguir isso.

Europa contra fraudes

A definição e a adoção de mecanismos mais rigorosos de proteção contra pesquisas potencialmente fraudulentas não estão acompanhando a ampliação do orçamento de pesquisa científica e tecnológica da União Europeia, que deve passar de € 57 bilhões de 2007 a 2012 para € 80 bilhões de 2012 a 2020. Em um artigo na revista *Lancet* de 5 de maio, porém, Xavier Bosch, médico da Universidade de Barcelona, Espanha, alertou para a necessidade de uma regulação urgente sobre definições de má conduta científica e dos

procedimentos que poderiam ser adotados para evitá-la. Uma possibilidade, ele argumentou, é que, como nos Estados Unidos, a má conduta seja definida como a fabricação, falsificação ou plágio de dados científicos. Bosch sugere que a escrita anônima – o *ghostwriting* – nos artigos científicos da área médica também seja considerada má conduta. Ele propõe a expansão e valorização do Código de Conduta Ética já adotado nos contratos de financiamento a pesquisas financiados pela União Europeia.